

Mercado está inseguro

O mercado financeiro tentou demonstrar, ontem, tranquilidade diante da demissão de Paulo Haddad do Ministério da Fazenda, substituído na madrugada de domingo pelo engenheiro Eliseu Rezende, que vinha respondendo pela presidência da Eletrobrás. Mas tudo não passou de aparência. O volume de negócios com títulos públicos caiu mais de 25%, em relação à sexta-feira, e nenhuma instituição se arriscou a fazer qualquer tipo de pronunciamento sobre o leilão recorde de 210 bilhões de Bônus do Banco Central (BBCs) que será realizado, hoje, pelo Banco Central.

Normalmente, dois dias antes do leilão semanal de BBCs, o mercado começa a negociar esses papéis no mercado a termo, sinalizando qual será o patamar de juros proposto pelas instituições ao Banco Central. Ontem, no entanto, esse segmento do mercado esteve totalmente parado. Por dois motivos. Primeiro: voltou a se falar em nova disparada da inflação neste mês, já que a troca de ministros pode ter resultado em remarcações preventivas

de preços, o que certamente impactará o aumento do custo de vida em março, como prevê o vice-presidente do Banco Interunion, Marcílio Marinho. Segundo: não se descarta o fantasma do alongamento compulsório da dívida pública, dentro do pacote econômico que está sendo preparado pelo governo.

Incertezas — Diante de tanta incerteza, a expectativa em relação ao leilão de hoje é muito grande. Até porque o mercado futuro de juros do Certificados de Depósito Bancário (CDIs) disparou, ontem, com a taxa efetiva chegando a 28,42%, contra um rendimento bruto pago pelo Certificado de Depósito Bancário (CDBs), de 26,50%. Será a prova de fogo do governo Itamar Franco. Serão ofertados pelo BC 140 bilhões de BBCs de 28 dias; 20 bilhões de títulos com resgate em 35 dias; 20 bilhões de papéis de 42 dias; 20 bilhões de 50 dias; e 10 bilhões de 56 dias. Se todos os BBCs forem demandados, hipótese difícil de ocorrer, serão retirados do mercado cerca de Cr\$ 200 trilhões.